

mobile

REVISTA

FORUM

outro mundo em debate

Semanal | 4.4.2025

CRISE GLOBAL

TRUMP E A
GUERRA TOTAL
NO COMÉRCIO

157

**Mais investimento,
menos carbono.**



A ApexBrasil trabalha para que o Brasil se torne **exemplo global** no enfrentamento das mudanças climáticas.

Novos investimentos em projetos verdes podem alcançar **R\$ 2 trilhões** em dez anos.

Clique e saiba mais.

apexBrasil

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

/ Capa**CRISE GLOBAL: TRUMP E A GUERRA TOTAL NO COMÉRCIO**

4 | Guerra comercial de Trump pode desencadear 3ª Guerra Mundial, por Plínio Teodoro

12 | Economia global em choque, por Gibran Jordão

22 | Mercados derretem com guerra total no comércio, por Luiz Carlos Azenha

/ Política

29 | Maria do Rosário: Extrema direita quer “parar o país” por anistia, mas não vai conseguir, por Júlia Motta

37 | Marcos Coimbra: Aprovação do governo Lula e pesquisas: “Não temos uma amostragem real”, por Júlia Motta

/ Economia

47 | Guilherme Mello: “Por que um milionário contribui menos do que um professor?”, por Júlia Motta

/ Música

57 | Entrevista com Ney Matogrosso, por Marcelo Hailer

/ Cultura

72 | Studio Ghibli: os ensinamentos de Miyazaki, por Anne Silva

84 / Expediente

Capa: Montagem

Global

**GUERRA
COMERCIAL DE
TRUMP PODE
DESENCADEAR
3ª GUERRA
MUNDIAL**

por Plínio Teodoro


AO METRALHAR TARIFAS AO MUNDO, TRUMP DESPERTOU **A REAÇÃO DA CHINA**, QUE RESPONDEU À ALTURA

A encenação de Donald Trump ao lado de um trabalhador da indústria automotiva de Detroit na quarta-feira (2), o “Dia da Libertação”, quando metralhou o mundo com tarifas, pode tirar a guerra do ambiente econômico e levá-la aos campos de batalha reais, desencadeando uma 3ª Guerra Mundial, com um potencial destrutivo sem precedentes na história da humanidade.



Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor associado do departamento de economia da Universidade de Brasília (UnB), **José Luis Oreiro** lembrou de um cenário parecido com o atual

ao analisar para a **Fórum** a reciprocidade da China, que anunciou na sexta-feira (4) que vai

A close-up portrait of Xi Jinping, the Chinese leader, wearing a dark suit and tie, looking slightly to the right with a neutral expression. The background is dark and out of focus.

**A CHINA
ANUNCIOU QUE
VAI TAXAR OS
PRODUTOS
DOS EUA COM
A MESMA
TARIFA DE
34% IMPOSTA
POR TRUMP
ÀS EMPRESAS
CHINESAS**

taxar os produtos dos Estados Unidos com a mesma tarifa de 34% imposta por Trump às empresas chinesas.

“Isso é um retorno às políticas de *beggar-thy-neighbour* da década de 1930 e a gente sabe como é que isso terminou”, afirmou o economista.

A política de *beggar-thy-neighbour*

(empobreça seu vizinho, em

tradução livre) foi cunhada

a partir de uma crítica ao

mercantilismo do economista

Adam Smith, autor do livro

Uma Investigação Sobre

a Natureza e as Causas

das Riquezas das Nações,

considerada a Bíblia do liberalismo.

“As nações foram ensinadas que seu interesse consiste em empobrecer todos os seus vizinhos, a lançar um olhar invejoso para a riqueza de outras nações”, diz Smith.

“O comércio, que deveria ser naturalmente, entre as nações — assim como entre os indivíduos —, um vínculo de união e amizade, tornou-se uma fonte mais fértil de discórdia e animosidade”, segue o economista em sua crítica sobre essa política, que passou a ser adotada nos anos 1930, em meio à Grande Depressão, que antecedeu as duas primeiras guerras mundiais.

Oreiro afirma que a atitude belicosa dos EUA gerou reações fortes em todo o mundo, especialmente na Europa, que vive um momento de rearmamento após Trump fechar a torneira da

Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte) para a guerra entre Ucrânia e Rússia.

“ Há realmente um sentimento entre os europeus de que eles não vão baixar a cabeça frente aos Estados Unidos. E que agora é o momento da união, isso está se refletindo no rearmamento da Europa, mas também, você pode ter certeza, a Europa vai retaliar as tarifas dos Estados Unidos”, diz o professor da UnB.

No entanto, o cenário mais preocupante, segundo Oreiro, é realmente na China e nos países onde as empresas chinesas — como Vietnã, Camboja, Tailândia, Malásia e México — construíram parques industriais para abastecer o mercado dos EUA, o principal destino de seus produtos.

“Os Estados Unidos são o maior mercado consumidor do mundo. A China não tem como substituir, nem no curto, nem no médio, eu acho que nem no longo prazo, o mercado norte-americano [...]. Então a China realmente está numa situação complicada. Já tem muita produção industrial excedente, que eles não têm muito para onde escoar”, afirma.

Oreiro lembra das demonstrações de força do governo chinês no mesmo dia em que

Trump anunciou a guerra comercial e lança um alerta.

“A China fez exercícios militares no entorno de Taiwan. Então, esse pode ser o sinal da China: ‘olha, se vocês vierem com essa historinha para cima da gente, nós tomamos Taiwan’”, diz. “E aí a terceira guerra mundial”, emenda.

O economista
Paulo Kliass



Foto Reprodução

Fim do império ou da humanidade?

Paulo Kliass, doutor em economia e membro da carreira de Especialistas em Políticas Públicas e Gestão Governamental do governo federal, afirma que a aposta de Trump se relaciona à perda de hegemonia dos EUA, que nas últimas décadas viram empresas deixarem o país em busca justamente das premissas do neoliberalismo, como salários mais baixos e matéria-prima mais barata.

“Eles estão num processo de perda, isso é fato, já foram ultrapassados pela China, está certo, no critério de PIB, PPP, PPC, paridade de poder de compra. Daqui a pouco vão

ser ultrapassados pela China pela avaliação mesmo em dólar. Estão num cenário em que blocos como o Brics e outros estão sendo formados, e eles estão perdendo espaço no cenário internacional, eles fizeram uma opção de insulamento, de autarquia: Estados Unidos isolados do resto do mundo”, disse à **Fórum**.

As medidas *Make American Great Again* (Maga) de Trump, segundo Kliass, abrem espaço para a desdolarização de transações comerciais no mundo e isola ainda mais os EUA, abrindo espaço para o desencadeamento de um processo histórico em que perderia a hegemonia.

“ A gente está em um cenário pré-bélico, pré-conflito, isso é dado. E o que eu sempre tenho dito ao longo dos últimos anos é que a gente está numa situação que vai ter uma passada de bastão de um império para outro. E todas as outras soluções foram soluções militares, quer dizer, desde a época do Império Romano, depois os conflitos regionais, depois o Império Inglês e agora o Império Norte-Americano”.

Kliass, no entanto, alerta para um fator inédito nessas transformações já vividas pelo mundo: o potencial bélico e destrutivo do poderio militar nas mãos desses atores.



Foto Reprodução

“Dia da Libertação”: Trump anuncia as novas tarifas para o mundo

“O problema é que, se houver uma guerra, a humanidade acaba, quer dizer, porque o conflito, no limite, ele se resolve pelo lado nuclear”, afirma ele, que aposta, sobretudo, na tradição “muito mais diplomática, negociadora, do que militar” da China.

“A gente espera que se tenha um mínimo de racionalidade, se é que se pode pensar nisso na humanidade a esse respeito. Mas, enfim, nessa tensão permanente de uma situação pré-bélica qualquer fator mais grave pode ser uma centelha em um barril de pólvora”, conclui Kliass. ♦

▶ [Clique aqui](#) e assista: “China X EUA: 3ª Guerra Mundial?”, no Fórum Onze e Meia.

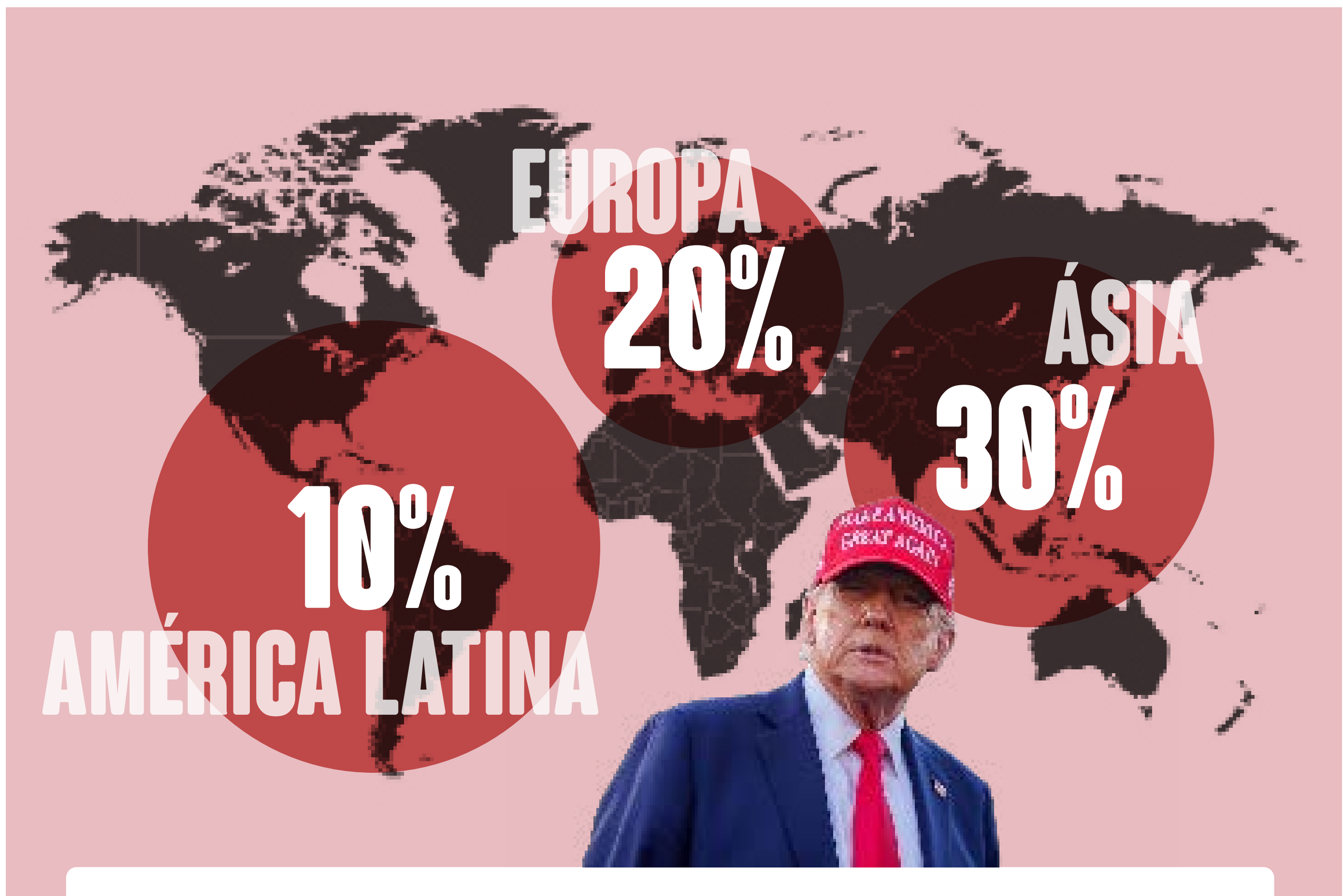


Foto: Montagem

Capa

Economia **GLOBAL** em choque

Possíveis cenários pós-*Liberation Day*
para o Brasil e o mundo

por Gibran Jordão

Donald Trump anunciou no dia 2 de abril um megatarifaço sobre produtos importados de dezenas de países em praticamente todos os continentes do globo. O objetivo principal é retomar o fortalecimento da indústria norte-americana, gerar empregos nos Estados Unidos, diminuir o déficit comercial,

proteger o dólar e disputar mercados em melhores condições, especialmente com a China. Em geral, as tarifas se dividiram assim: 10% para América Latina, 20% ou mais para Europa e 30% ou mais para Ásia. A lógica foi tarifar grosseiramente países onde há mais déficit comercial para os EUA.

Vamos avaliar os possíveis cenários, a curto e longo prazos, dos possíveis efeitos sobre a economia global da nova política tarifária ultraprotecionista da “democracia mais liberal do mundo”.

Cenário de curto e médio prazos

De imediato, o cenário mais provável é de incertezas sobre o sucesso da política tarifária no crescimento da economia americana. A insegurança e incerteza fazem investidores privados e estatais em todo o mundo terem mais cautela e buscarem mercados seguros ou adiar projetos. O que pode sugerir uma desaceleração econômica global ainda este ano.

Isso significa que o mundo espera que a guerra comercial iniciada por Trump não ficará sem respostas, e produtos americanos também poderão ser atingidos por tarifas ou outros tipos de retaliação. Será provável também observar mudança de rotas comerciais, redesenhando acordos e reposicionando mercados em todas

as regiões do planeta. Um exemplo disso é o recente encontro de representantes dos governos da China, Japão e Coreia do Sul, que acordaram fortalecer a cooperação econômica para enfrentar as tarifas de Trump.



Foto Reprodução

Num cenário de incertezas sobre a economia americana, pelo menos a curtíssimo prazo, o dólar poderá operar em queda, o que pode ter vantagens e desvantagens para a economia global. No caso do Brasil, a queda do valor do dólar, pelo menos num primeiro momento, trará um relativo alívio para a inflação. Ao mesmo tempo em que diminuirá a margem de lucro de todos os setores da economia brasileira que compõem a pauta exportadora do país, como o agronegócio, petróleo bruto e minérios. Somado a isso, embora o Brasil tenha sido taxado em “apenas” 10%, a exportação de produtos brasileiros para o mercado americano poderá ser relativamente prejudicada.

Mas, na eventualidade de produtos agrícolas

americanos sofrerem taxaçoão recíproca, é possível que mercados de outros países aumentem a demanda por produtos agrícolas brasileiros, principalmente na Ásia e Europa. Gerando condições para um maior superávit na balança comercial do Brasil, com o aumento das exportações, o que pode tensionar a inflação de alimentos, por falta de oferta no mercado interno brasileiro.

É preciso ainda registrar que a política tarifária de Trump pode a curto/médio prazo aumentar os índices inflacionários nos EUA, pelo fato de os produtos importados ficarem mais caros. Até a economia americana conseguir substituir esses produtos pela sua própria produção interna ou negociações que diminuam ou suspendam tarifas em vigor, a população americana terá que conviver com tensões inflacionárias. O governo de Trump promete compensar essa situação diminuindo impostos para derrubar custos de produção. Mas, pelo menos a curto/médio prazo, tudo indica que haverá aumento da pressão inflacionária nos EUA, o que vai levar o FED, o Sistema de Reserva Federal dos EUA, a aumentar os juros, fazendo o dólar aumentar de valor. Sem falar de um possível cenário de recessão americana como uma hipótese que cresce a cada dia...

A conclusão é que, no curto e médio prazos,

o Brasil e o mundo vão conviver com oscilações no valor do dólar, e os países que disputam mercados de *commodities* ou produtos industrializados com os EUA poderão perder vendas no mercado norte-americano, mas com chances de abrir possibilidades em mercados de outros continentes. Até essa equação se rearranjar, as dificuldades, incertezas e as tensões inflacionárias devem prevalecer. Especialmente para o Brasil, o aumento não linear, mas persistente do dólar, até o final do ano, por conta da possível alta de juros nos EUA, e o aumento da demanda por produtos agrícolas brasileiros poderão tensionar ainda mais a inflação.

Seja como for, o governo brasileiro precisa ligar o seu alerta máximo, pois a inflação está sendo um dos principais fatores para a queda de popularidade do presidente Lula. O cenário pós-tarifaço de Trump indica que um alívio consistente da inflação de longo prazo não será o mais provável.

Chegou a hora de estudar uma resposta cirúrgica a essas tarifas, que possa unificar o país contra a guerra comercial provocada por Trump. Ao mesmo tempo, denunciar o caráter colonial e serviçal do bolsonarismo, que neste

momento está defendendo a política tarifária de Trump contra o próprio Brasil.



CENÁRIOS DE LONGO PRAZO



Considerando os efeitos desse tarifaço até o final do atual mandato de Trump, ou seja, até 2028. Se a curto prazo a previsibilidade já está difícil, a longo prazo essa guerra comercial desencadeada por Trump tende a tornar qualquer investimento, principalmente a longo prazo, uma aposta no escuro. Sendo assim, vamos trabalhar com um cenário favorável e outro, desfavorável.

Cenário favorável para a economia global

Pelo fato de a economia global estar totalmente integrada, e os EUA comprarem e venderem de todo mundo produtos fundamentais para a sua economia, como

também para a saúde econômica da pauta exportadora de países emergentes e das nações mais ricas do globo. Se o plano de Trump der certo e os EUA conseguirem fortalecer a sua economia a longo prazo com essa política de tarifas, poderá reabrir um ciclo virtuoso na economia mundial. Embora esse cenário seja pouco provável, poderá ter uma evolução positiva a depender dos seguintes processos:

Após uma crise inflacionária momentânea e de curto prazo, para evitar uma recessão e que o tarifação vire um desastre, os estrategistas do governo Trump passem a negociar cuidadosamente e cientificamente tarifa por tarifa, diminuindo, suspendendo ou aumentando seus valores, de modo que haja com o tempo uma acomodação de interesses e permita ganhos mútuos nos circuitos do comércio mundial. Assim, de maneira equilibrada e gradual, a economia americana pode atrair mais fábricas, principalmente de produtos sofisticados para seu território, e, por meio de uma política de redução de impostos e direitos trabalhistas, conseguirá produzir em alta escala produtos mais baratos e competitivos para seu mercado interno e para exportação.

Esse processo também teria que se dar para o comércio mundial de *commodities* agrícolas

e minerais, ou seja, após um curto período de guerra comercial, o governo americano iniciaria um processo de negociação sóbrio que permitiria um rearranjo econômico com possibilidade de disputas equilibradas por mercados levando ganhos compartilhados entre a maioria dos países de pauta exportadora de produtos agrícolas e minerais.

Trata-se de um cenário muito improvável, pois entre os objetivos de Trump não consta reequilibrar a harmonia do comércio mundial, mas desestabilizá-lo para retomar a hegemonia do império ocidental, de modo que um destino compartilhado não está no cenário. A ordem é *America First!* (Estados Unidos em Primeiro Lugar, em tradução livre), com tomada de territórios, guerras comerciais e militares na agenda...

Cenário desfavorável para a economia global

Após o início da guerra comercial provocada por Trump, o abalo na economia do globo poderá tomar proporções de dimensões que fujam ao controle a curto/médio prazo. Dizemos isso pelo fato de que as instituições internacionais construídas no pós-guerra, que de alguma forma regulam as relações diplomáticas, políticas, econômicas e militares no mundo, estão em crise e com pouca

capacidade de coordenar disputas complexas.

Do ponto de vista comercial, para a economia americana, que ainda é a maior do mundo, negociar num mundo sem regras pode ser mais vantajoso. Embora a selvageria generalizada também traga riscos e perigos, e é nessa perspectiva que tudo pode sair dos trilhos. Não há dúvidas de que os produtos americanos também poderão sofrer retaliações e o resultado a longo prazo pode ser desastroso para os EUA. Recessão e inflação ao mesmo tempo poderão ser um cenário concreto para a economia americana.



Foto Reprodução

Na condição de alcançar um mundo sem regras comerciais, será necessário enfraquecer instituições multilaterais, acordos e blocos econômicos que, de uma forma ou de outra, têm o papel de proteger economias mais frágeis. Então, a OMC, o USMCA, a União Europeia, o Mercosul, o Brics e outros blocos e instituições precisam deixar de existir ou pelo

menos perder força e influência.

Caso o plano de Trump não surta efeito no plano específico de uma guerra comercial, existe a possibilidade da radicalização nas ações de seu governo. Os anúncios que envolvem a tomada do Canal do Panamá, o território na Faixa de Gaza, a Groenlândia e o Canadá são o prenúncio do que ainda pode acontecer para que o projeto *Maga (Make America Great Again)* possa ter sucesso a qualquer custo. A guerra comercial poderá se transformar em guerra militar aberta, seja regional ou global. Esse cenário seria catastrófico e não é possível dizer com certeza se é o menos provável.

O mundo já está atravessado por guerras e instabilidades em duas regiões sensíveis na geopolítica mundial, que envolvem o oeste da Ásia e o leste europeu. Até agora, os esforços para acordos para uma paz duradoura não têm avançado, e o que estamos vendo é o aumento das tensões entre o Irã e aliados (eixo da resistência) contra os EUA e Israel. Como também um amplo projeto de rearmamento europeu vem sendo anunciado com mais gastos orçamentários para ampliação de aparato militar, incluindo um programa nuclear. ♦



Foto Reprodução

Capa

Mercados derretem com guerra total no comércio

por **Luiz Carlos Azenha**

Os mercados financeiros seguem derretendo, depois que Beijing anunciou retaliação com tarifas de 34% sobre produtos estadunidenses exportados para a China.

Os Estados Unidos exportaram quase US\$ 150 bilhões para o mercado chinês em 2024.

A China respondeu às tarifas acumuladas

de 54% que seus produtos passarão a pagar nos EUA, anunciadas por Donald Trump no que o ocupante da Casa Branca chamou de “Dia da Libertação”.

A China exportou quase US\$ 450 bilhões para os EUA em 2024.

A guerra comercial total entre as duas maiores economias do planeta tem como pano de fundo o projeto estadunidense de se “desacoplar” de Beijing.

Estados Unidos e China, como parceiros, foram os grandes promotores da globalização, com o primeiro fornecendo capital e Beijing a mão de obra barata.

O projeto de “desacoplar” as duas economias partiu da elite política dos EUA, ao perceber que a China ameaçava a hegemonia estadunidense liderando um gigantesco mercado asiático, formado pela Índia, Indonésia, Malásia, Vietnã, Tailândia e outros.

A reação ao tarifaço de Trump foi tão inusitada que provocou uma inédita reunião entre China, Japão e Coreia do Sul para tratar de comércio entre os três gigantes asiáticos.

Quem vai pagar a conta?

Quem efetivamente paga as tarifas impostas por Trump são os importadores de produtos.

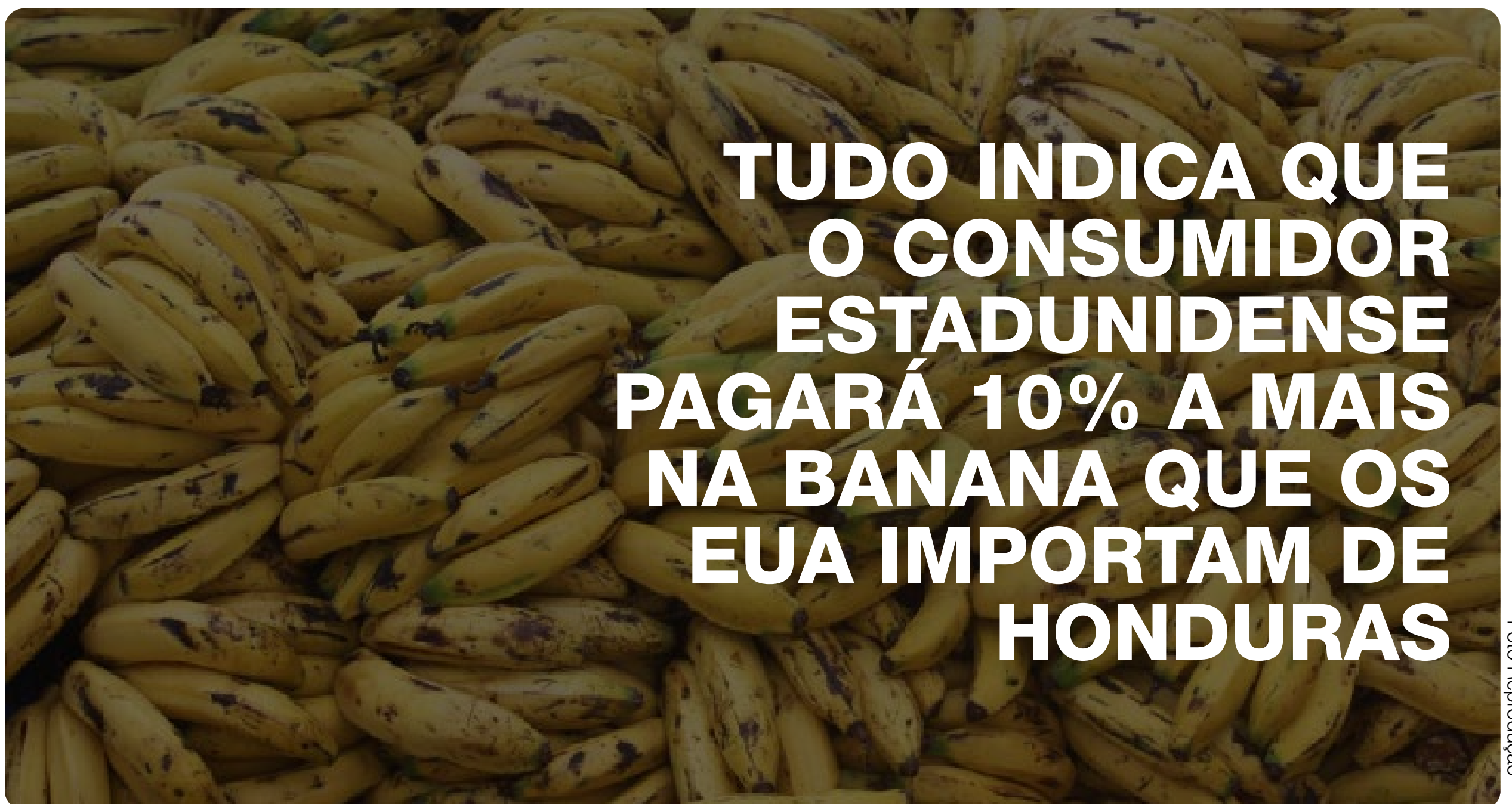
Um importador que queira trazer um

automóvel japonês para os EUA, por exemplo, pagará 25% do valor do bem para o Tesouro norte-americano. Se for um carro avaliado em 100 mil dólares, por exemplo, o importador terá de recolher 25 mil dólares ao Tesouro.

É por isso que Donald Trump diz que os cofres do Tesouro ficarão abarrotados. Com isso, em tese, ele poderia oferecer um gigantesco corte de impostos para seus aliados bilionários.

O risco é que os importadores repassem ao menos parte das tarifas pagas aos consumidores.

Os EUA taxaram as importações de Honduras, por exemplo, em 10%.



O país importa bananas de Honduras. Tudo indica que o consumidor estadunidense pagará 10% a mais na compra de bananas.

É por isso que economistas dizem que a inflação pode disparar nos EUA a curto prazo, provocando recessão econômica.

Trump joga com a ideia de que os Estados Unidos passarão a produzir bananas, dispensando o produto importado de Honduras.



Foto Reprodução

Incerteza nos mercados

Mesmo que Trump tenha razão, ninguém produz bananas da noite para o dia. Ao menos não na escala necessária.

É por isso que o tarifaço está causando incerteza e derretimento dos mercados.

Todas as empresas multinacionais, com plantas em diferentes países, estão sujeitas às novas regras da guerra comercial.

Neste momento, executivos estão em reuniões de emergência calculando como enfrentar a nova realidade.

Enquanto isso, os investidores estão vendendo suas ações e correndo para outros ativos, como o ouro e títulos do Tesouro.

A aposta de Trump é no médio e longo

prazos: que as tarifas impostas provocarão uma onda de reindustrialização dos EUA, gerando empregos de qualidade.

O ocupante da Casa Branca frequentemente se refere ao que acredita ter sido o “período de ouro” dos EUA, quando o país aplicava tarifas altas para proteger sua indústria: de 1789 a 1913.



Mas... o mundo é outro

Porém, o mundo de 1900 não é mais o de 2025.

Todas as grandes empresas do planeta produzem e vendem em múltiplos mercados.

A Apple faz iPhones na China e, se aderir ao projeto de Trump, terá de fazê-los nos EUA para atender ao mercado local, escapando do tarifaço.

Tudo isso exige tomada de decisões, planejamento e medidas de longo prazo.

Além disso, como a mão de obra é mais cara nos EUA, provavelmente o consumidor local passará a pagar mais caro pelos iPhones Made in USA.

Embora o mercado dos EUA ainda seja indispensável para o capitalismo mundial (representa 25% do PIB do planeta), o centro da economia global está se deslocando para a Ásia.

Se os EUA têm quase 350 milhões de habitantes, a Ásia abriga quase 60% da população mundial.

Os ganhos de escala para fornecer produtos para quase 5 bilhões de pessoas — população aproximada da Ásia — jamais poderão ser alcançados por uma indústria isolada nos EUA, sob taxaçaõ alta de seus principais parceiros comerciais.

É por isso que se diz que Donald Trump está blefando e apenas jogando duro para negociar.

Porém, a decisão da China tomada na sexta-feira (4), de retaliar com 34%, demonstra que Beijing não está para brincadeira.

O consenso entre lideranças chinesas parece ser de que é possível compensar as perdas no mercado estadunidense aprofundando negócios com a União Europeia, o Mercosul e mercados em grande ascensão, como os do Brics.

Enquanto este texto era escrito, a bolsa do Japão havia fechado em queda de 2,75%, o índice regional da Europa estava em baixa de 3,51% e o mercado futuro da Dow Jones, de Nova York, despencava 2,4%.♦

FÓRUM ANTECIPOU

Assista ao documentário que
mostra em detalhes a trama
golpista para impedir
a posse de Lula

ATO
18

O GOLPE
CONTRA
LULA

Direção Luiz Carlos Azenha

Documentário em três episódios

[Clique aqui e assista](#)



Foto Agência Câmara

Política

Maria do Rosário

Extrema direita quer “parar o país” por anistia, mas não vai conseguir

por Júlia Motta

A deputada federal Maria do Rosário (PT-RS) esteve no Fórum Onze e Meia de quinta-feira (3) para falar sobre os principais assuntos no mundo político das últimas semanas. Um ponto de destaque foi a pressão que a extrema direita quer fazer no Congresso Nacional para aprovar a anistia aos

golpistas do 8 de janeiro de 2023.

De acordo com Rosário, a extrema direita quer “parar o país” pela anistia, fazendo obstrução para que outras pautas mais importantes a favor do povo brasileiro não avancem na Câmara dos Deputados nem no Senado. No entanto, ela afirma que o campo progressista não vai permitir essa paralisação e vai continuar pressionando para votar as principais pautas, como a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil.

A deputada cita, por exemplo, a aprovação da Lei de Reciprocidade na Câmara na quarta-feira (2). Ela afirma que essa aprovação foi uma forma de “quebrar” a obstrução do Partido Liberal (PL) e da extrema direita. “Isso tem uma vitória muito grande, porque a extrema direita quer parar o país. A liderança do PL, os movimentos que eles estão fazendo, é para paralisar qualquer coisa no âmbito da Câmara e Senado para colocarem na pauta o seu interesse de anistia”, diz Rosário.

“Nós estamos segurando essa anistia, impedindo essa medida espúria de um lado, e de outro lado conseguindo romper a obstrução e votar matérias que são importantes”, acrescenta a deputada.

Ela completa dando o exemplo do Pé-de-Meia, cuja aprovação a oposição tentou barrar.

“De novo, a oposição tentou impedir que os estudantes de ensino médio mais pobres do Brasil, que têm a necessidade dessa bolsa para continuarem indo à escola, para não abandonarem a escola, para não evadirem do ensino médio, para terem alguma chance na vida, eles tentaram impedir por meio de uma manobra que envolveu até o Augusto Nardes, aquela coisa toda do TCU. E aí a gente viu o seguinte: a oposição tentou inviabilizar o Pé-de-Meia; hoje, ele já está chegando para 4 milhões de jovens”, declara Rosário.

“Então, eu estou dizendo que nós estamos agindo em muitas frentes”, afirma a deputada. “Estamos dispostos em todos os sentidos a disputar cada fatia do eleitorado”, completa.



Foto Gil Ferreira/Ascom-SFI

Gleisi Hoffmann na articulação política

A deputada também falou sobre a ida de Gleisi Hoffmann (PT-PR) para a Secretaria de Relações

Institucionais da Presidência da República. Para Rosário, o trabalho de articulação política de Gleisi “deu um gás incrível”.

“Conseguiu fazer a votação do Orçamento, que estava parada num grau de instabilidade muito grande para o país, fazendo com que o Orçamento estivesse sendo operado 1/12 avos, numa condição muito difícil, que criava, inclusive, animosidades ainda maiores com o funcionalismo público, que agora está atendido nas suas necessidades e no pós-greves”, defende Rosário.



Foto Mario Agra/Câmara dos Deputados

Arthur Lira na relatoria da isenção de IR

Outro assunto destacado na entrevista de Rosário foi a indicação do deputado e ex-presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para a relatoria do projeto de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$

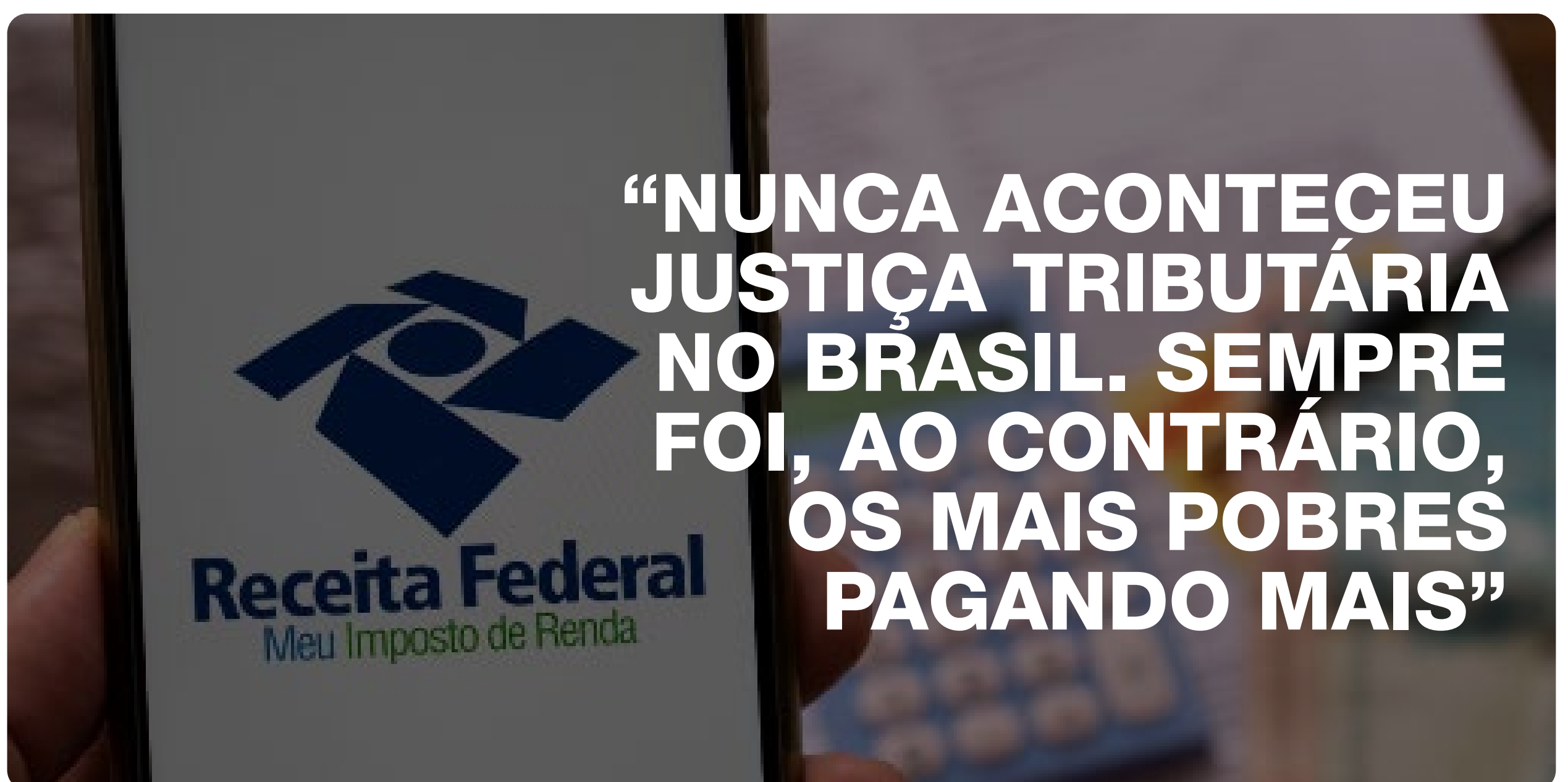
5 mil. Para a deputada, esse é um “elemento positivo” no contexto geral. “Isso cria um caminho de aprovação para romper mais uma vez a obstrução [da extrema direita] e garantir a medida”, afirma.

No entanto, a deputada chama atenção para uma questão referente à inclusão dos super-ricos nessa proposta. “Resta saber até que ponto o próprio Lira vai ser um canal para colocar dentro do projeto do Imposto de Renda algum fresco para aqueles ultramilionários”, alerta Rosário.

“Então a gente agora vai ter que estar no monitoramento, mas o fato de ele ser o relator já é uma garantia de a matéria e da principal pauta do governo ser aprovada no âmbito da Câmara dos Deputados”, defende.

“E nós vamos ter que cuidar realmente, porque nós temos aqui 141 mil altos ricos, que têm que fazer uma contribuição, sem dúvida, para que 10 milhões de pessoas parem de ter desconto em folha quando recebem até R\$ 5 mil. E tem ainda aqueles entre R\$ 5 mil e R\$ 7 mil que terão benefícios também tributários no Imposto de Renda, e tudo isso vai estar na mão do Lira para o próximo período”, esclarece Rosário.

Nesse sentido, ela defende que a base do governo terá que “cuidar” para que não seja retirada essa fonte de financiamento, que é uma “repartição nova”, de acordo com Rosário. “É os ricos pagarem a conta para as pessoas que são trabalhadoras do cotidiano, assalariados, poderem ter um fresco a mais na sua vida, o que o governo Lula quer garantir. É justo e é direito”, defende a deputada.



Taxação dos ricos e justiça tributária

Ainda em relação ao Imposto de Renda, Rosário também falou sobre a proposta de aumentar a cobrança de quem ganha mais de R\$ 50 mil por mês (ou seja, R\$ 600 mil por ano), como forma de garantir a isenção para quem ganha até R\$ 5 mil. “Na verdade, tem que cobrar a conta de quem ganha mais, não adianta. E isso é justo no país. Quem é que vai ficar pobre, vai viver de dificuldades por ter que contribuir um pouco mais? Eu acho que

realmente a gente está diante de uma questão que o país precisa fazer para construir pela primeira vez uma justiça tributária”, afirma a deputada.

Ela acrescenta que essa é a segunda fase da reforma tributária. A primeira foi sobre o consumo, e esta segunda será sobre renda.

“Agora, naturalmente, as elites deste país nunca gostaram de pagar a conta. E dentro do Poder também. Quando a gente olha o Bolsonaro, por exemplo, dizendo das ‘tramóias’ que fazem nessa família para não pagar as próprias contas, eu acho que a gente já tem um exemplo de como são terríveis esses que sempre se valem de privilégios”, diz Rosário.

Por fim, a deputada completa que esse é o “diferencial” do governo Lula, e a grande questão é como mostrar para a sociedade que essas medidas para reduzir as desigualdades só acontecem quando tem um “projeto capitaneado por forças políticas” como a do presidente. ♦

▶ **Clique aqui** e leia a matéria completa.

▶ **Clique aqui** e assista à entrevista da deputada **Maria do Rosário** no Fórum Onze e Meia.

JORNALISMO AUTÊNTICO E VERDADEIRO

Acesse todos os dias
→ www.revistaforum.com.br

Forum o seu
portal de notícias

apoie.revistaforum.com.br



Foto Reprodução

Política

Marcos Coimbra

Aprovação do governo Lula e pesquisas: “Não temos uma amostragem real”

por Júlia Motta

○ Fórum Onze e Meia de quinta-feira (3) recebeu o cientista político e presidente do Instituto Vox Populi, Marcos Coimbra, para analisar os últimos resultados das pesquisas que avaliam o governo do presidente Lula (PT) e que mostram índices negativos ultrapassando os positivos, apesar

das melhorias feitas pelo Executivo federal.

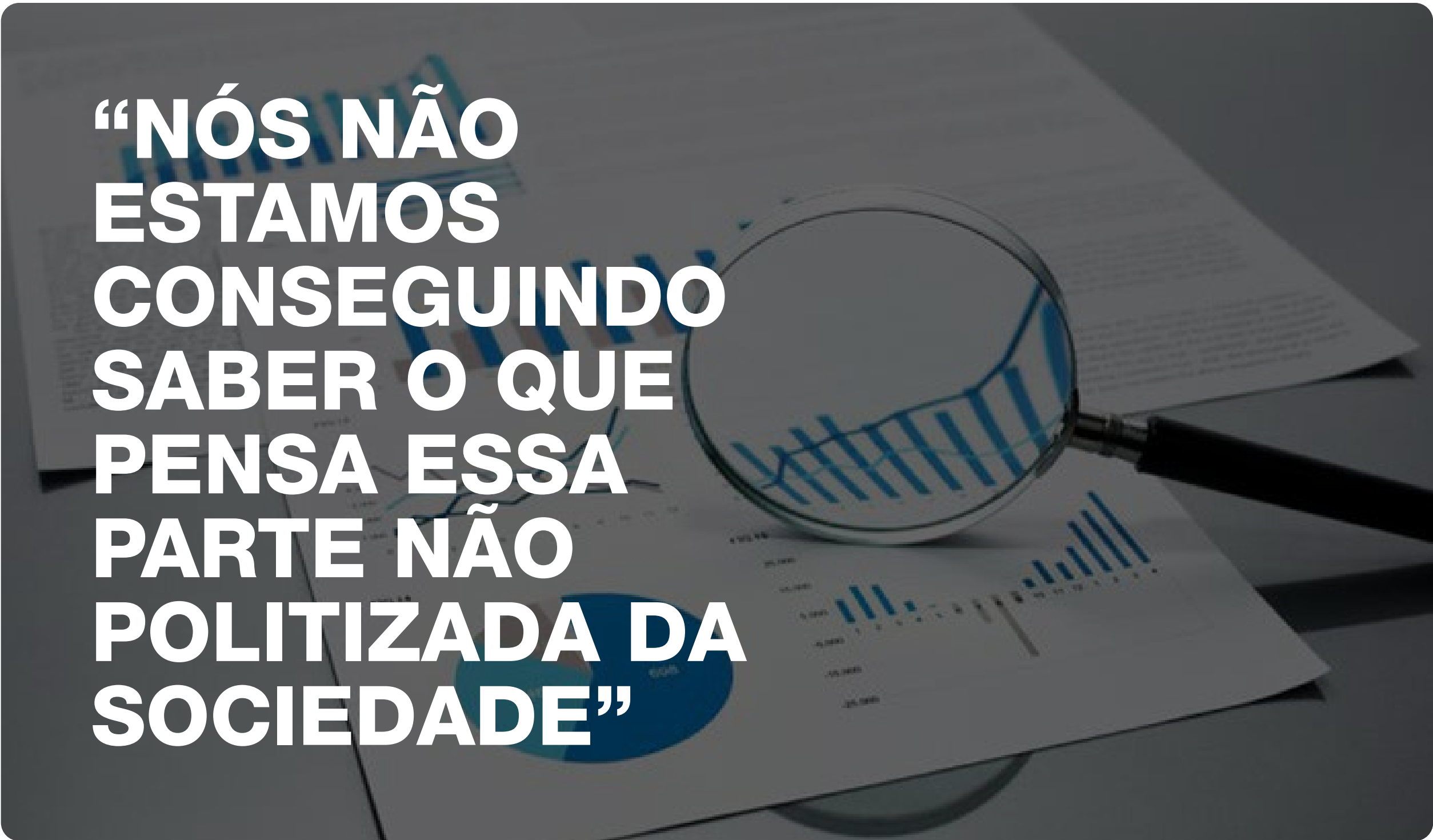
Para Coimbra, as pesquisas não podem ser consideradas uma “amostragem real” da sociedade. Ele explica esse cenário com outros dados que evidenciam o desinteresse da população pela política. O cientista questiona, por exemplo, como o último levantamento aponta que 97% dos eleitores têm um candidato ou vão votar nulo ou branco se outros estudos apontam que os índices de falta de interesse em política chegam a 50% em alguns setores da sociedade.

“A grande parcela que não quer, não se interessa, não se entusiasma com isso [política], não vai te dar entrevista. Portanto, nós não estamos com uma amostra efetiva do universo do eleitorado. Nós não temos essa amostra”, defende Coimbra. “Nós não estamos conseguindo fazer uma amostragem ‘real’ da sociedade”, acrescenta.

Coimbra usa como exemplo as pesquisas feitas antes das eleições de 2022, que apontavam que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) tinha cerca de 30% dos votos, enquanto Lula tinha 60%. Porém, quanto mais se aproximava o dia da votação, os resultados mudavam e, na apuração final, foram bem diferentes.

“Hoje, nós não estamos conseguindo saber o que pensa essa parte não politizada, não

informada, não interessada da sociedade”, afirma o cientista.

A magnifying glass is positioned over a document that features a blue bar chart. The text is overlaid on the left side of the image.

“NÓS NÃO ESTAMOS CONSEGUINDO SABER O QUE PENSA ESSA PARTE NÃO POLITIZADA DA SOCIEDADE”

Nesse sentido, Coimbra defende que o “real significado” das pesquisas é ignorado. Ele afirma que vê com “grande perplexidade” o cenário de uma parte dos formadores de opinião e da imprensa ficar discutindo os números das pesquisas “quando os reais significados deles são ignorados”. Ele afirma que, se 97% dos eleitores já tomaram uma decisão um ano e meio antes das eleições, significa dizer que somente 3% da população está indecisa, o que para o cientista é “completamente incoerente com a sociedade que a gente vive”.

“Isso não tem a menor coerência com os dados que a gente tem a respeito de desinteresse, não envolvimento, antipatia pelo

tema, pela discussão, pela conversa [sobre política]”, ressalta.

“ Quando você faz as perguntas clássicas que permitem traçar qual é o perfil da informação política, mais da metade não sabe nada. Não sabe dizer quem é o vice-presidente, não sabe dizer quem é o presidente da Câmara, não sabe dizer quanto tempo dura o mandato de um senador”, explica Coimbra.

Dessa forma, ele defende que os resultados das pesquisas são “completamente incoerentes” com a realidade socioeconômica e atitudinal do país. O cientista ainda destaca que vivemos um período “particularmente ruim de imagem da vida política, dos partidos e das lideranças”. “E, no entanto, 97%, segundo essa pesquisa, sabem o que vão fazer daqui a um ano e meio”.

“Ou seja, então a gente tem que olhar todos esses números com o pé atrás porque não é um cenário que está definido”, afirma o cientista. Ele menciona, também, um termo usado pelo jornalista Reinaldo Azevedo, que é o “pesquisismo”.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

“O mundo piorou”

Coimbra também destaca que uma das razões que podem explicar o maior índice de desaprovação do governo Lula é que o mundo político piorou em quase todos os países. Ele cita uma pesquisa feita por um instituto dos Estados Unidos que investigou a avaliação dos principais líderes políticos nas democracias eletivas. Segundo Coimbra, das 25 maiores democracias eletivas, somente três têm chefes de governo bem avaliados. Em outras duas, as avaliações são equilibradas. Porém, nas demais, a avaliação é negativa. E o Brasil se encontra nesse grupo.

“Esse é o cenário do mundo”, diz. “Não é porque estamos vivendo uma birra com o Lula ou porque o antipetismo se ampliou. É porque é assim que é a vida política hoje”, afirma Coimbra.

Ele defende que isso se deve a pelo menos “duas coisas óbvias”. “A primeira razão de que isso passou a ser a regra nas democracias mundo afora é porque o mundo piorou. Nós estamos vivendo um tipo de capitalismo que não tem perspectiva”, avalia Coimbra. “A óbvia manifestação disso é a crise climática. Nós estamos destruindo o mundo”, declara.

Em segundo lugar, Coimbra relembra que, nos últimos 20 anos, do governo de Fernando Henrique para cá, houve o novo fenômeno da sociedade da informação instantânea.

“Essa sociedade de informação instantânea e imediata jogou no sistema de opinião um contingente que não fazia parte dele — em países como o Brasil, uma boa parte continua fora —, mas cresceu muito a parcela que agora se sente perfeitamente qualificada para ter opinião. E raramente essa opinião de quem está chegando agora é favorável, é positiva, porque está tudo mal mesmo”, analisa o cientista. “Não é ruim porque o Lula está fazendo um mau governo”, considera Coimbra.

Ele ainda ressalta que Fernando Henrique atravessou crises muito piores do que a de Lula, pagou um preço, mas saiu como

“uma grande liderança do governo”. “Lula passou por duas experiências num mundo pouco diferente e está agora enfrentando dificuldades muito maiores do que no passado, porque herdou essa calamidade pública que foi o governo do Bolsonaro, as consequências dele”, analisa o cientista.



Foto: PR

Preço dos alimentos e segurança: é culpa do Lula?

Por fim, Coimbra comentou sobre os fatores apontados como razão para a avaliação negativa de Lula: o preço dos alimentos e a segurança pública. O cientista ressalta que esses dois temas sempre foram “invocados pelas pessoas quando tinham que explicar por que estavam fazendo uma avaliação não favorável, seja média, seja

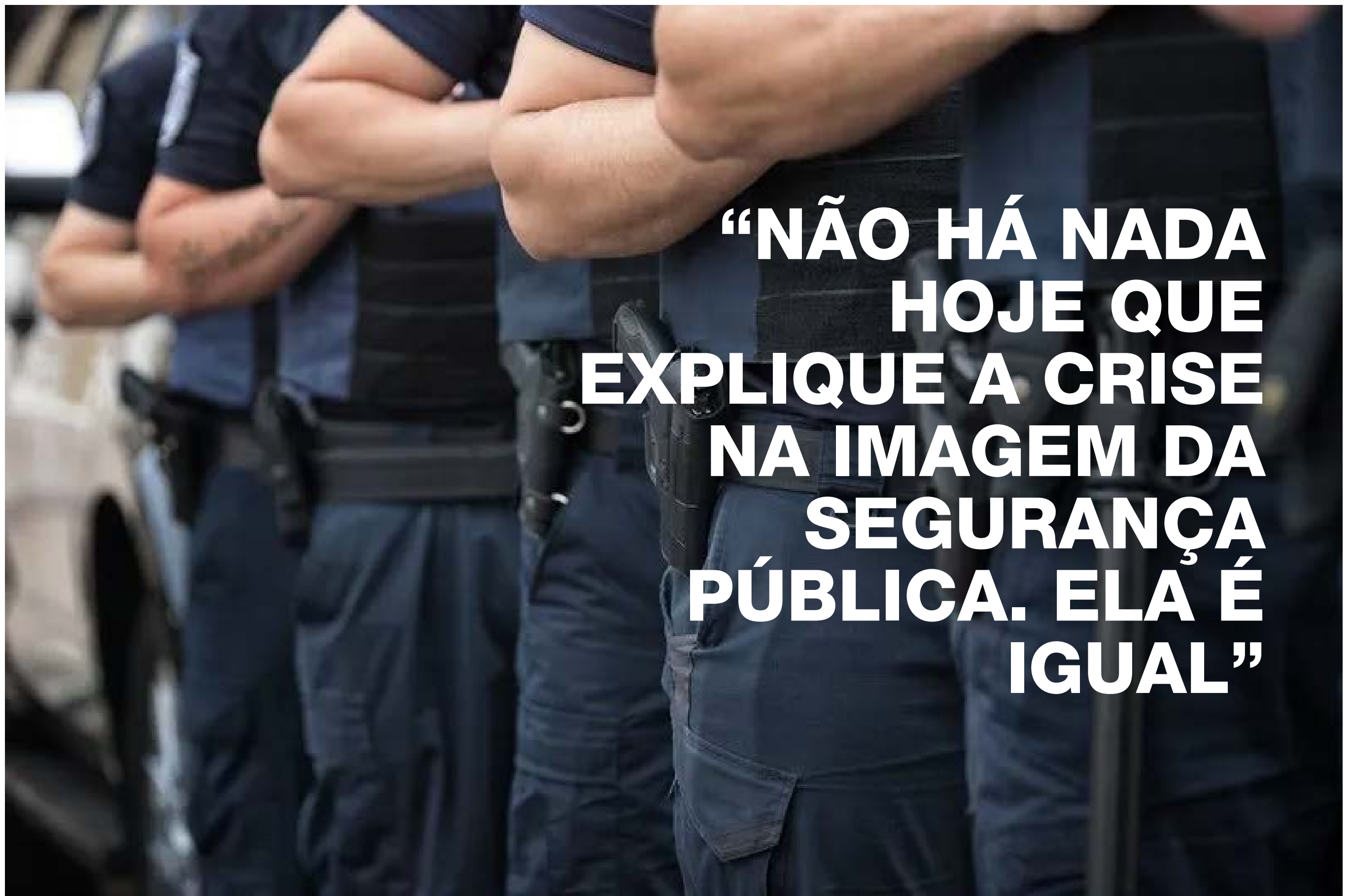
negativa” de algum governo.

Além disso, Coimbra destaca que “somos uma sociedade que se acostumou a se preocupar com o preço das coisas, embora o fenômeno da hiperinflação já tenha deixado de ser uma preocupação tão profunda. Mas, até hoje, não nos livramos das consequências atitudinais dessa hiperinflação que durante tantos anos foi um tema brasileiro”, afirma o cientista.

Coimbra também comenta que são sempre os mesmos alimentos que registram alta de preços, e isso se deve também às mudanças climáticas e à produção massiva para exportação, e não para o mercado interno.

“ Todo mês são os mesmos produtos que aumentam. E assim é, numa economia afetada por fatores climáticos, afetada pelo modo como se organiza a produção de alimentos. Quem produz alimentos no Brasil para vender hoje é o MST. O famoso agro não quer nem saber de produzir comida”, afirma o cientista.

Já em relação à segurança pública, Coimbra afirma que é “óbvio que existe uma preocupação enorme na sociedade brasileira” com o tema, mas que isso é uma característica “permanente”. “Não há nada hoje que explique



a crise na imagem da segurança pública. Ela é igual”, diz.

“Você pode cobrar de quem se posiciona com ‘vou revolucionar a segurança pública’, e você tem direito de cobrar. Mas quem tem que cuidar disso não é o presidente da República, e nunca foi cobrado a rigor dele”, avalia.

Coimbra finaliza afirmando que “essa ideia de que o custo de vida é responsável pela má avaliação do Lula não faz muito sentido”.♦

- ▶ [Clique aqui](#) e leia a matéria completa.
- ▶ [Clique aqui](#) e assista à entrevista de **Marcos Coimbra** no Fórum Onze e Meia.



Bonés da **FORUM**

entre mundo em debate



Compre
o seu na
Loja da
Fórum

AQUI

Membros
da Fórum
têm 20% de
desconto





Foto: Washington Costa/MF

Economia

Guilherme Mello

“Por que um milionário contribui menos do que um professor?”

por **Júlia Motta**

Em entrevista ao **Fórum Onze e Meia** de quarta-feira (2), o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Guilherme Mello, falou sobre os principais assuntos econômicos do país, como a

cobrança do Imposto de Renda para quem ganha mais de R\$ 50 mil por mês.

Mello explicou que, ao contrário do que muitos acreditam ao dizer que pagam 27,5% de Imposto de Renda, esse percentual é a chamada “alíquota marginal”. Na prática, há uma parte do salário isenta de tributação – que chega a basicamente dois salários mínimos –, já outras partes são tributadas em faixas menores, até chegar a uma parte do salário que é tributada em 27,5%.

“Além de você ter uma parte isenta e só uma parte tributada em 27,5%, acima de um determinado nível de renda, você ainda tem uma série de abatimentos que você pode fazer, todo mundo que declara imposto já sabe”, destacou Mello.

“Você tem ou o desconto simplificado, que reduz de maneira linear um valor fixo, reduz o quanto você tem que pagar, ou você pode fazer a declaração completa e abater os gastos que você tem com educação, saúde, previdência privada e outros, além de ter algumas rendas que não são nem tributadas, são isentas, como, por exemplo, a distribuição de lucros e dividendos”, explica o secretário.

Por isso, Mello afirma que a alíquota efetiva, a que realmente a pessoa paga, é muito menor que 27,5%. Professores, enfermeiros, policiais

O projeto do Governo Federal que propõe **isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil por mês** está na Câmara dos Deputados, e precisa ser aprovado este ano para **entrar em vigor a partir de 2026**



Foto Agência Câmara

Hugo Motta, presidente da Câmara dos Deputados

e bombeiros, por exemplo, pagam entre 8% e 12%, segundo o economista.

Por outro lado, ele destaca que “hoje tem gente que ganha R\$ 1 milhão por ano e paga 1% de alíquota efetiva, 1,5% de alíquota efetiva, menos do que o professor, o policial, o bombeiro, a enfermeira”. Isso acontece, de acordo com Mello, porque boa parte da renda de quem ganha R\$ 1 milhão por ano vem de rendas isentas, distribuição de lucros e dividendos, rendimentos financeiros isentos, entre outros.

Diante disso, o secretário explica que o que o governo propõe é que quem ganha mais de R\$ 50 mil por mês teria uma tributação efetiva mínima. “Para quem ganha R\$ 50 mil essa tributação é 0,1% da sua renda, ou seja, nada,

provavelmente ninguém que ganha R\$ 50 mil paga zero de imposto de renda. O cara paga alguma coisinha. Então, esse cara, na prática, vai continuar na mesma.”

“Só que esse 0,1% vai crescendo linearmente até chegar a 10% de alíquota efetiva mínima; 10% de alíquota efetiva mínima vai pagar quem ganha R\$ 1,2 milhão por ano, ou seja, R\$ 100 mil por mês. A partir de R\$ 100 mil por mês, você vai ter que pagar no mínimo 10% da sua renda”, esclareceu Mello.

Confira como funciona a faixa de tributação para altas rendas

Renda anual	Cálculo da alíquota mínima	Alíquota final	Imposto mínimo a pagar
R\$ 600.00	$(600.000 - 600.00) / 600.000 \times 10\%$	0%	Nada
R\$ 750.00	$(750.000 - 600.00) / 600.000 \times 10\%$	2,5%	R\$ 18.750
R\$ 900.00	$(900.000 - 600.00) / 600.000 \times 10\%$	5%	R\$ 45.000
R\$ 1.050.000	$(1.050.000 - 600.00) / 600.000 \times 10\%$	7,5%	R\$ 78.750
R\$ 1.200.000	$(1.200.000 - 600.00) / 600.000 \times 10\%$	10%	R\$ 120.000

Fonte Governo Federal

O secretário explica então que, para quem ganha até R\$ 600 mil por ano, ou seja, R\$ 50 mil por mês, não há imposto mínimo. A partir desse valor, a cada R\$ 60 mil a alíquota aumenta 1%. Ou seja, para quem ganha R\$ 720 mil, a alíquota é de 2%, para quem ganha R\$ 780 mil, 3%, e assim vai até chegar a 10% para quem ganha R\$ 1,2 milhão.

“Veja, nós estamos dando um primeiro passo que escancara a desigualdade da tributação no Brasil. Por que escancara? Porque um policial militar, um bombeiro, um enfermeiro, um professor, ele já paga praticamente essa alíquota, às vezes um pouco mais, às vezes um pouco menos”, afirma Mello.

“Um funcionário público aqui do Tesouro Nacional paga mais do que isso. Garanto que, a não ser que ele tenha muito dependente, muito abatimento, ele deve pagar mais do que isso. Então, nós estamos pedindo para os muito ricos contribuírem, pelo menos, com o que uma professora, um bombeiro, um policial, servidor público contribuem”, acrescenta o secretário.

“Então, quando a pessoa fala: ‘eu sou contra isso’, ela tem que explicar por que ela acha que um milionário tem que contribuir menos do que um trabalhador.”

Mello ainda ressalta que, apesar de haver pessoas que sempre estarão contra qualquer tributo, é preciso lembrar que boa parte da arrecadação do país é imediatamente transformada em transferência de renda.

“Hoje, por exemplo, o Brasil transfere em torno de R\$ 1,5 trilhão em renda para as pessoas que recebem até três salários

mínimos”, diz.

“São receitas que entram e vão como um benefício monetário para as pessoas que recebem BPC, Previdência, Bolsa Família, os vários tipos de programa social. Isso para não falar dos gastos sociais com saúde, educação, que são benefícios recebidos pelos trabalhadores mais pobres da nossa sociedade, porque os trabalhadores mais simples têm plano de saúde, escola privada etc., e abatem isso no Imposto de Renda”, explica Mello.

“Então, a escola pública, o hospital público, são serviços que majoritariamente são percebidos pelas pessoas de menor renda. Então, nós precisamos ter uma base de tributação ampla para conseguir reduzir essas desigualdades. Agora, o que acontece hoje? Você arrecada do pobre e transfere para o pobre”, completa.

“ Não é assim que se faz justiça social. Você tem que ter uma tributação progressiva, ou seja, quanto mais renda, mais você contribui para você distribuir para quem não tem renda. E assim a gente sai dessa posição vergonhosa que o Brasil tem hoje, que é ser uma das nações mais desiguais do mundo. Nós somos uma das maiores economias do

mundo, mas uma das nações mais desiguais do mundo”, declara Mello.

“E obviamente essa desigualdade atrapalha tudo. Ela atrapalha o crescimento econômico, a criação de novas oportunidades, a segurança pública, o acesso à saúde e educação, ela atrapalha tudo. Então, é por isso que a gente está adotando essa medida”, esclarece o secretário.



Foto: Ricardo Stuckert / PR

Melhorias na economia e reflexo na popularidade de Lula

Mello também falou sobre um cenário complexo em que as melhorias econômicas do país não estão se traduzindo na popularidade do presidente Lula (PT), que vem alcançando avaliações negativas cada vez maiores. O

secretário afirma que existem várias tentativas de explicação do porquê de um descolamento entre os dados econômicos oficiais, que refletem de fato o que está acontecendo na economia, e a percepção das pessoas sobre o cenário econômico.

“Nós estamos no menor nível de desemprego da história. Nós estamos no menor nível de pobreza da história. Nós estamos no menor nível de miséria da história. Todos são dados baseados em estudos sérios, estudos cientificamente com uma metodologia robusta. Mas isso não quer dizer que a percepção das pessoas sobre a economia esteja dialogando com esses dados”, diz Mello.

O secretário explica que isso acontece porque a percepção das pessoas é construída por meio de uma lente. “Ninguém consegue enxergar a realidade como ela é. A realidade é algo muito complexo. Você precisa de lentes para enxergar a realidade. E o que eu entendo é que nos últimos anos, com a ascensão da extrema direita e o papel das redes sociais, as lentes mudaram”, considera Mello.

Ele afirma que os próprios veículos de comunicação têm dificuldade de construir um caminho para chegar na percepção das pessoas. Mello utiliza de um exemplo recente para explicar esse cenário, como o caso

da fiscalização do Pix, medida voltada para combater crimes e golpes digitais, que hoje atingem metade da população.

“Você teria um mecanismo de proteção contra o crime organizado, contra a violência, que é um problema real do país. Mas você teve uma deformação desse debate e se passou a impressão que era uma coisa de querer cobrar imposto de renda ou imposto sobre a própria operação do Pix”, avalia.

Mello defende, então, que há um problema, que é a dificuldade de atravessar essa lente. Ele destaca, porém, que há questões concretas que dizem respeito à vida real das pessoas, como a violência e a inflação dos alimentos, apesar de esta última ainda ser mais positiva que no governo passado, de Jair Bolsonaro (PL). “E aí nós temos que construir, eu acho, uma forma de dialogar com essas pessoas que penetre essa lente, e não é simples”, afirma o secretário. ♦

▶ **Clique aqui** e leia a matéria completa.

▶ **Clique aqui** e assista à entrevista de **Guilherme Mello** no Fórum Onze e Meia.

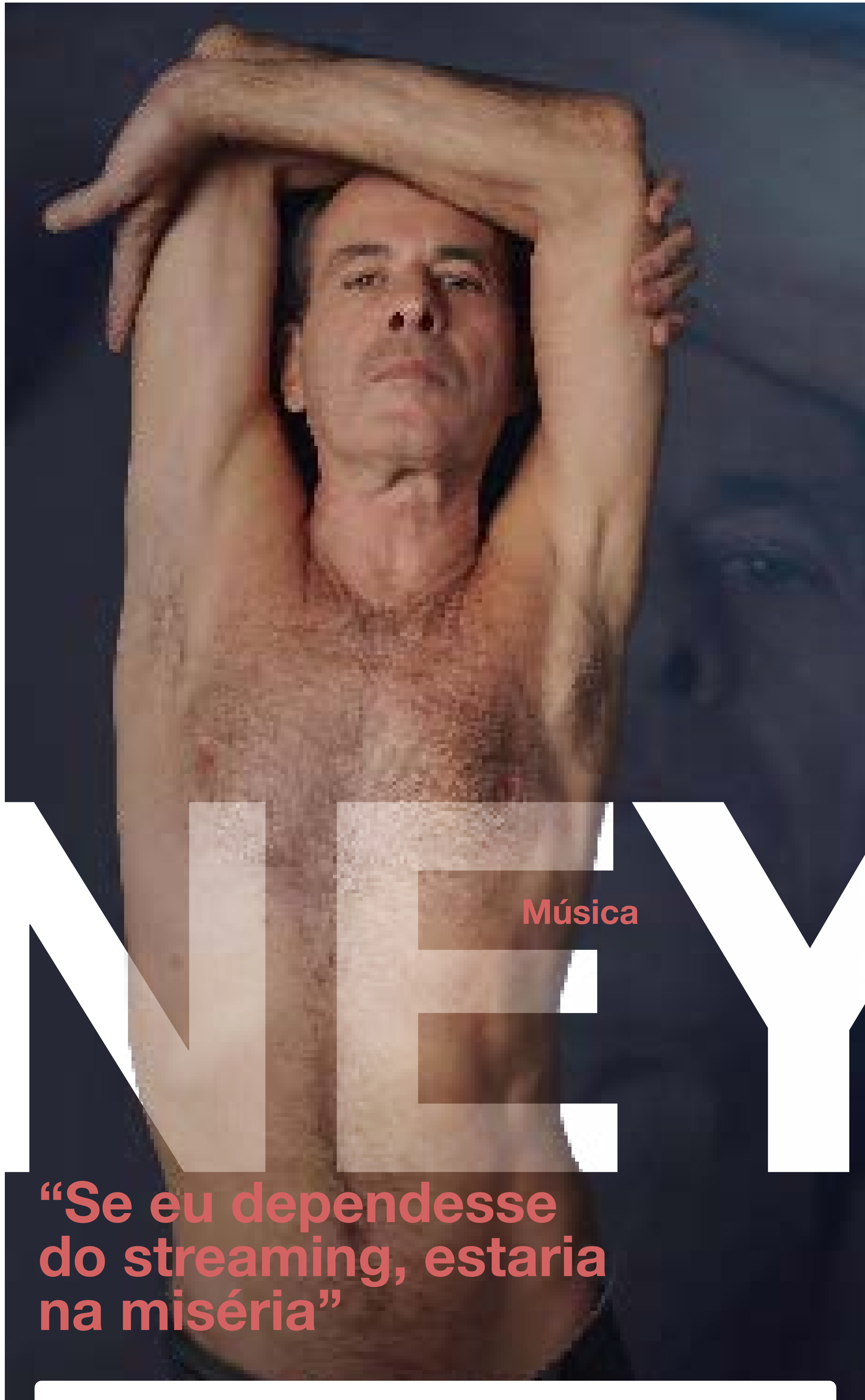
FORUM

Siga o canal da
Revista Fórum
no WhatsApp

E receba
**notícias
exclusivas**

[Clique aqui](#)
e se inscreva





Música

“Se eu dependesse do streaming, estaria na miséria”

por Marcelo Hailer

NEY MATOGROSSO

ENTREVISTA EXCLUSIVA
PARA A **FÓRUM**

Desde que surgiu no cenário da música brasileira, em plena ditadura militar, como vocalista da banda Secos & Molhados, Ney Matogrosso subverteu todos os códigos da sexualidade e, principalmente, das masculinidades. No entanto, sempre fugiu dos rótulos e, em entrevista exclusiva à **Fórum**, ele é enfático: “Eu caguei para os rótulos”.

O trabalho que Ney Matogrosso desenvolveu ao longo de sua carreira como cantor e também como exímio performer adiantou tudo aquilo que, a partir dos anos 1980, passou a ser chamado de “queer” — que, em termos mais diretos, eram as manifestações sociais e artísticas que buscavam fugir das classificações... Algo que Ney fez a vida toda: inclassificável.

Toda essa construção estética e musical está presente no seu livro de memórias, intitulado *Vira-Lata de Raça* (Editora Tordesilhas), escrito em parceria com o jornalista Ramon Nunes Mello,

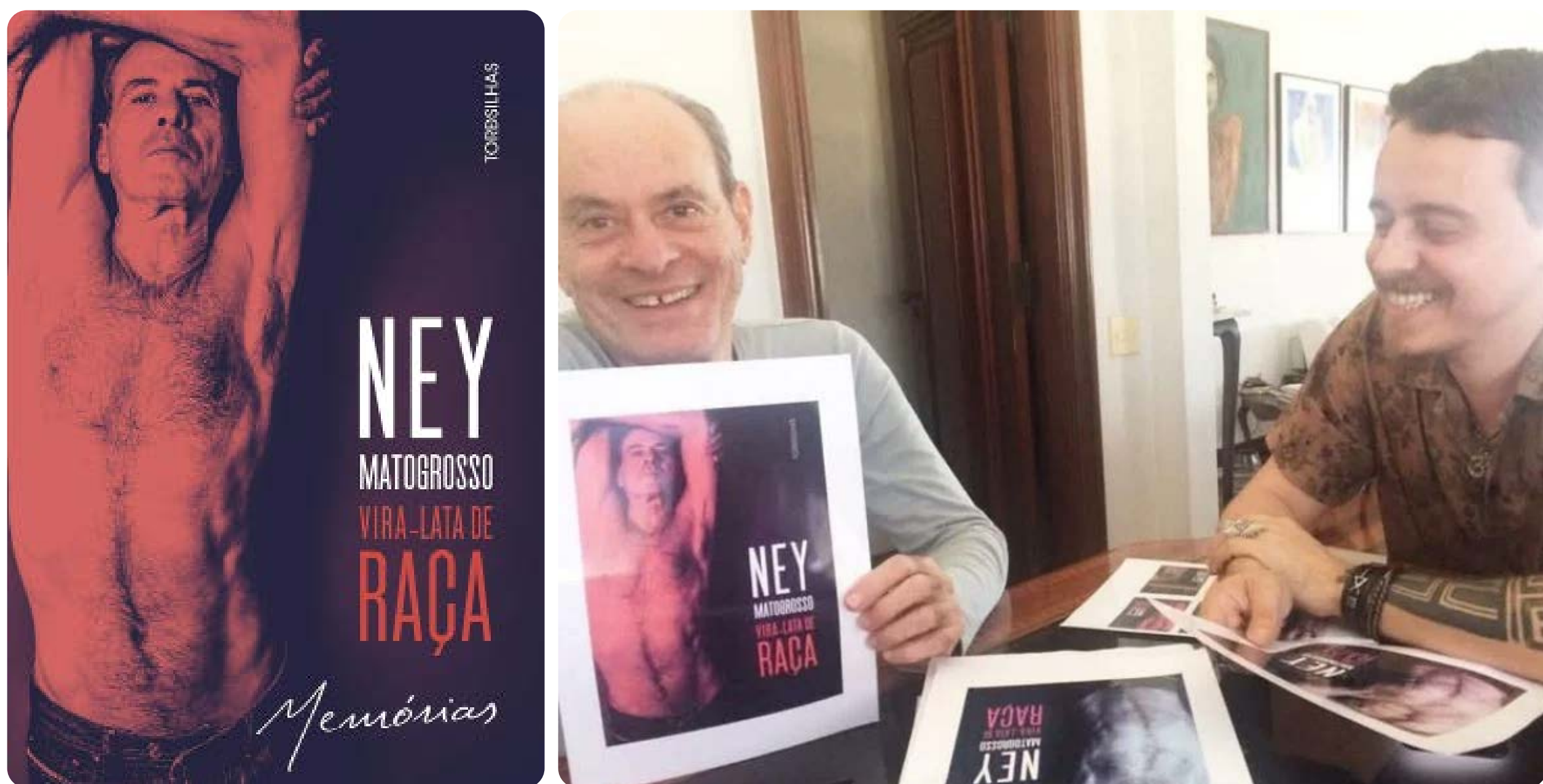
com quem o cantor tem uma longa relação de amizade. Lançado em 2018, Ney e Mello vão, pela primeira vez, debater a obra de maneira pública, em evento organizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio de Janeiro, no dia 9 de abril. Um encontro histórico.

Na entrevista que você confere a seguir, Ney Matogrosso analisa o impacto das suas performances no campo das sexualidades e também nas masculinidades — discussão que, para o cantor, “expandiu”. “Eu acho que, de uma certa forma, caminhamos. Claro, ainda existe muita coisa para ser consertada, mas a mentalidade sobre esse assunto se expandiu”, analisa.

Além disso, o artista reflete sobre a ascensão da extrema direita e afirma que, apesar da força atual deles, nada pode impedir “o caminhar da humanidade”. “Olha, num certo sentido, tinham ganhado força, mas acontece que não há força que se levante contra o caminhar da humanidade”, diz Ney.

No contexto político e cultural do Brasil, o cantor também falou sobre o momento atual da indústria da música, hoje concentrada nos streamings de áudio. Ney revela que, se hoje dependesse apenas dos direitos autorais de suas músicas, “estaria na miséria”. “Eu não vivo disso [streaming], felizmente. Já vivi de

direitos autorais e com dinheiro de venda de discos. Hoje isso não existe mais. Eu recebo miséria [...], mas, se eu fosse depender dessa indústria fonográfica [streaming], eu estaria na miséria. Durma com um barulho desse”, revela aquele que é um dos maiores artistas do Brasil e do mundo.



A capa do livro *Vira-Lata de Raça* e Ney com o jornalista Ramon Nunes Mello

Fórum – Eu queria que você contasse para nós como foi essa experiência de reunir as suas memórias, de uma carreira tão longa como a sua. Como foi esse processo?

Ney Matogrosso – Esse é o segundo livro que fizeram sobre mim. O primeiro eu achei muito precoce. Eu tinha 50 anos... Eu acho muito estranho ficar falando da minha vida. Aí, nesse [*Vira-Lata de Raça*], já foi mais fácil, porque eu já tinha feito um e tinha tido muito bate-boca com a pessoa que

escreveu. E também é o seguinte: ele [Ramon Nunes Mello, editor da obra] é meu amigo, já conhecia há tempos.

Fórum – De onde veio o título?

Ney Matogrosso – Eu que pedi. Era uma música da Rita Lee, em que ela coloca todas as referências da vida dela: Marlon Brando, James Dean... também são as minhas. Nós somos da mesma geração... e eu achei muito irônico botar um título desse.

Fórum – Tem uma questão que eu acho da sua carreira, que é a performance e a maneira como você sempre trabalhou a questão das fronteiras em torno da masculinidade. Avançamos em torno das questões sobre a masculinidade?

Ney Matogrosso – Eu acho que, de uma certa forma, caminhamos. Claro, ainda existe muita coisa para ser consertada, mas a mentalidade sobre esse assunto se expandiu.

Fórum – Mas o que você considera que expandiu?

Ney Matogrosso – Ué, já não é mais aquele bicho de sete cabeças que era. Claro que, lá no interior do Brasil, ainda é um tema para as pessoas, mas eu acho que, de uma maneira

geral, está muito expandido esse tema, a discussão sobre isso. Eu acho, posso estar equivocado... mas eu também estou falando da minha experiência. Eu não vejo nenhuma... nada contra a minha vida e a minha maneira de viver.



Fórum – A vestimenta masculina sempre foi meio funerária, escura...

Ney Matogrosso – Isso de vestimenta é uma bobagem, porque vestimenta não determina nada. Você pode estar super bem vestido e ser um cafajeste ordinário.

Fórum – Sim, concordo. Mas existe um padrão de gênero que determina como os homens devem se vestir, também está vinculado à orientação sexual... isso é uma questão de padrões de gênero impostos a partir da vestimenta.

Ney Matogrosso – Certo, mas a vestimenta

não determina a pessoa... não é isso?

Fórum – Sim, mas os homens conquistaram mais liberdade para se vestir. Hoje o armário masculino tem mais cores.

Ney Matogrosso – Sim, já não se vestem mais de ternos. Toda a população brasileira se vestia de terno.

Fórum – E hoje a vestimenta masculina tem mais cores.

Ney Matogrosso – Tem cor! Imagina, você vê fotos do Rio de Janeiro, nos anos 1960, era todo mundo de terno na rua, pra ir trabalhar.

Fórum – Ney, seu livro de memórias foi lançado em 2018, ano em que Bolsonaro se torna presidente e, juntamente com o seu grupo político, busca resgatar um tipo de homem/masculinidade de que a gente quer manter distância. Como você avalia esse período do Brasil?

Ney Matogrosso – Eu acho que o castelo está caindo. O castelo dessa estrutura aí está despencando. Não acha?

Fórum – Mas, com esse castelo despencando, você acha que pode vir coisa melhor ou pior?

Ney Matogrosso – Meu filho, da espécie humana a gente tem que esperar de tudo. É até melhor, sabe?

Fórum – Mas você considera que esses movimentos ultraconservadores que voltaram a ficar na moda ganharam ou perderam força?

Ney Matogrosso – Olha, num certo sentido tinham ganhado força, mas acontece que não há força que se levante contra o caminhar da humanidade, não é isso? Impedir que nasçam crianças homossexuais... A homossexualidade não é uma escolha. Você nasce ou não se nasce homossexual. Ninguém vai poder conter, a não ser que proíbam as mulheres de terem filhos. Quando o Bolsonaro chegou ao poder, eu falei isso.

Fórum – Você já disse em várias ocasiões que é contra os rótulos. Por que o rótulo te incomoda tanto?

Ney Matogrosso – Porque eu prefiro que me vejam sem rótulos, que não olhem para mim e tirem uma conclusão. E há vários rótulos que inventaram a meu respeito. Mas eu não me guio por rótulos que criam sobre ninguém. Eu presto atenção na pessoa. O rótulo é chato, o rótulo já determina por baixo.

Fórum – O rótulo congela a pessoa.

Ney Matogrosso – É. E nada vai adiante daquilo.

Fórum – E quando você sai do rótulo, você é criticado.

Ney Matogrosso – Ah, eu caguei para os rótulos!



Fotos Divulgação

O ator Jesuíta Barbosa interpreta Ney Matogrosso no filme *Homem com H*, de Esmir Filho

Fórum – Ney, o seu livro de memórias serviu de inspiração para o filme do Esmir Filho, *Homem com H*...

Ney Matogrosso – Uma parte dele...

Fórum – Serviu de inspiração...

Ney Matogrosso – Talvez inspiração mais

do que informação.

Fórum – O trailer do filme, que eu gostei muito, mostra os conflitos da sua relação com o seu pai e a maneira como, durante a ditadura, você enfrentou os vários conservadorismos e autoritarismos em torno da música e da sexualidade. Qual sua expectativa pro filme? Acredita que pode atingir os mais jovens, que ainda não conhecem o seu trabalho?

Ney Matogrosso – Sim, o filme é muito bem feito. O Festival de Berlim ficou interessadíssimo, e o Festival de Berlim é um dos mais transgressores. Por isso, eu fiquei todo eufórico, pois é um filme que atende às necessidades de um festival transgressor.

Fórum – Também impressiona a atuação do Jesuíta Barbosa.

Ney Matogrosso – Sim, maravilhoso. Mas também o bichinho penou, tá?

Fórum – Ah, é?

Ney Matogrosso – Trabalhou feito um animalzinho [risadas].

Fórum – Você se encontrou com o Jesuíta?

Ney Matogrosso – Estive [com ele] antes de

começar o filme. Nós nos encontramos umas três vezes. Ele veio à minha casa e foi assim.

Fórum – Ney, como é a experiência de ver alguém interpretando você?

Ney Matogrosso – Olha, agora doeu menos... no filme. No teatro me incomodou mais.

Fórum – O que te incomodou?

Ney Matogrosso – Sabe o que me incomodou no teatro? Porque eu fui lá, conversei com eles e disse assim: “Olha aqui, gente, eu não sou o personagem. Então, prestem atenção que tem o personagem e tem a pessoa. A pessoa e a personagem, eu não sou assim na vida real”.

Fórum – E a peça não respeitou isso?

Ney Matogrosso – Eu não sei se a peça não respeitou, se os atores também começam a ficar livres e eles vão interpretando na maneira deles. No cinema é tudo mais controlado.

Fórum – Entendi.

Ney Matogrosso – Eu não vou controlar nada, tá?

Fórum – Claro, entendi o seu ponto! Ney,

você pegou muitos momentos da indústria da música. Eu vi uma entrevista com o Ivan Lins, na TV Cultura, em que ele relata que perdeu a aposentadoria dele com a ascensão do streaming de música. E pra você, como está essa situação?

Ney Matogrosso – Olha, eu não vivo disso [streaming], felizmente. Já vivi de direitos autorais e com dinheiro de venda de discos. Hoje isso não existe mais. Eu recebo miséria... graças a Deus que eu não dependo disso, eu vivo de shows. Trabalho muito, mas eu vivo dignamente. Não vendi a minha dignidade.



Ney no seu atual show, Bloco na Rua

Foto Divulgação

Fórum – O que me chocou é que o Ivan Lins é um dos maiores compositores do Brasil...

Ney Matogrosso – Veja você o tamanho do

absurdo disso.

Fórum – No programa, se eu não estiver enganado, foi no Provoações, que agora é apresentado pelo Marcelo Tas, o Ivan Lins disse que perdeu a aposentadoria... você poderia parar hoje, Ney?

Ney Matogrosso – Olha, eu não paro, porque eu não quero. Quando eu tinha os meus direitos de disco, quando a indústria fonográfica existia, eu vivia bem. Mas, se eu fosse depender dessa indústria fonográfica [streaming], eu estaria na miséria. Durma com um barulho desse.

Fórum – Na entrevista, o Ivan Lins revelou que, para ter um ganho decente com streaming, é necessário que as músicas sejam reproduzidas milhares de vezes.

Ney Matogrosso – E a rádio também não toca mais essas músicas. Só toca coisa mais superficiais... Não estou falando mal de nada, tá?

Fórum – Eu entendi o seu ponto...

Ney Matogrosso – Tudo existe e tem espaço para tudo. Mas aquelas coisas de coerência e profundidade, isso não existe mais. Dia desses eu escutei uma que dizia “não sei o quê/ a sua buc*zinha”... gente, meu Deus do céu, virou isso? Eu estava ouvindo umas

músicas e, de repente, entrou uma coisa assim.

Fórum – Pegando essa questão da sexualidade e a música, você é um pioneiro nessa questão...

Ney Matogrosso – Talvez eu não seja um pioneiro, talvez eu tenha sido o primeiro a dizer a verdade.

Fórum – Você enxerga eco do seu trabalho na música brasileira atual?

Ney Matogrosso – Não, eco do meu trabalho, não, mas eco da minha pessoa. Eu não fico julgando os artistas, mas eu acho o seguinte: eu trouxe uma abertura para um assunto que não existia. ♦

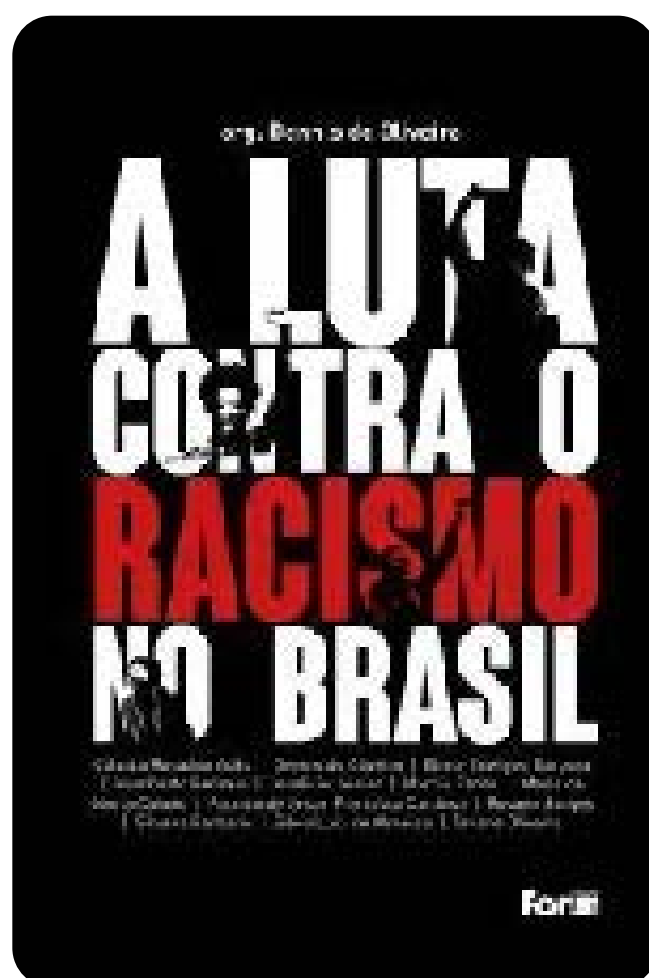
▶ **Clique aqui** e assista ao trailer da cinebiografia **Homem com H**, com o ator Jesuíta Barbosa interpretando Ney Matogrosso.

▶ **Clique aqui** e assista ao vídeo da canção **Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua**, que faz parte do show Bloco na Rua.

PROMOÇÃO ESPECIAL NA LOJA DA FÓRUM

LIVROS DO ACERVO POR

R\$ 9,90!



APROVEITE



CLIQUE AQUI
E COMPRE JÁ

lojaforum.com.br/livros

Cultura



Foto Montagem

Os ensinamentos de **MIYAZAKI**

por Anne Silva

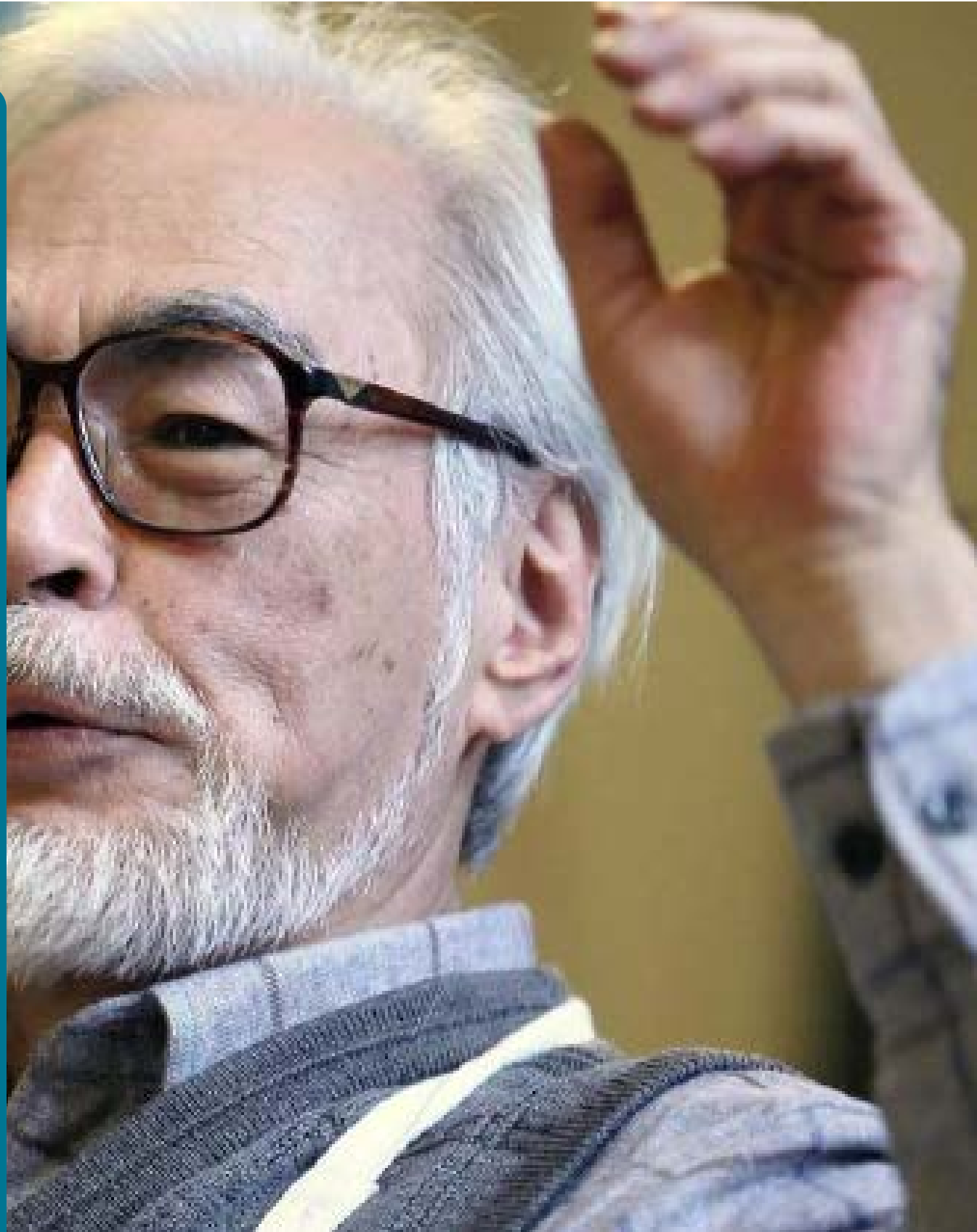
STUDIO GHIBLI

O CINEMA DE ANIMAÇÃO QUE ENCANTA O MUNDO CONTINUA A SER “ARTESANAL”, FANTÁSTICO E, SOBRETUDO, HUMANO

Uma nova função que passou a integrar recentemente o ChatGPT, modelo de inteligência artificial (IA) desenvolvido pela OpenAI que soma até 400 milhões de usuários por semana, permite, a um alto custo energético, gerar imagens no estilo artístico das ilustrações do Studio Ghibli, a partir de fotos, descrições (“prompts”) e até memes.

O Studio Ghibli, um dos estúdios de animação mais famosos do mundo, fundado em 1985 pelos diretores Hayao Miyazaki, Isao Takahata e Toshio Suzuki, é conhecido por seu estilo narrativo confortável, que remete a tradições folclóricas do Japão, mas também repleto de críticas sociais e políticas incorporadas por personagens fortes e criaturas mágicas, com uma forte conexão a elementos visuais naturais.

É por isso que seu estilo de arte, com uma estética rica e detalhada em 2D, que valoriza



“ISSO É UM INSULTO À PRÓPRIA VIDA”

Hayao Miyazaki sobre o uso de IA

Foto Reprodução

o desenho à mão e a animação artesanal de movimentos e cenários, tornou-se febre entre os usuários do ChatGPT: as paletas aconchegantes, o uso de sombras sutis e da luz natural, e o design simples das feições de seus personagens trazem uma atmosfera sóbria mas encantadora, que levou milhares de brasileiros a reproduzi-la usando as próprias fotos, para ter um “pedacinho” dessa personalidade.

Apesar da febre das IAs na geração de arte, o criador por trás da icônica estética do Studio Ghibli, Hayao Miyazaki, já demonstrou ter uma visão crítica da função, com a opinião de que a arte deveria sempre refletir a experiência humana, e de que o uso de ferramentas de inteligência artificial para criar novos registros artísticos careceria, fundamentalmente, de

“alma” e “sensibilidade”.

Em 2016, um documentário sobre Miyazaki dirigido pela emissora japonesa NHK mostrou sua reação negativa ao assistir a uma demonstração de animação gerada a partir de inteligência artificial.

“Isso é um insulto à própria vida”, anunciou ele após assistir ao vídeo gerado por IA. Compromissado com as formas de arte e animação tradicionais, o Studio Ghibli é um dos únicos estúdios do mundo a continuar a sua produção de filmes majoritariamente à mão, sem uso extensivo de computação gráfica.

Nos últimos dias, tanto usuários como autoridades têm lançado mão da ferramenta, e mesmo o perfil oficial da Casa Branca publicou, no X, uma **imagem gerada artificialmente**,



no estilo das animações de Miyazaki, em que uma mulher de 36 anos, natural da República Dominicana, é representada chorando enquanto é algemada por um oficial norte-americano do Serviço de Imigração e

Alfândega (ICE) dos Estados Unidos.

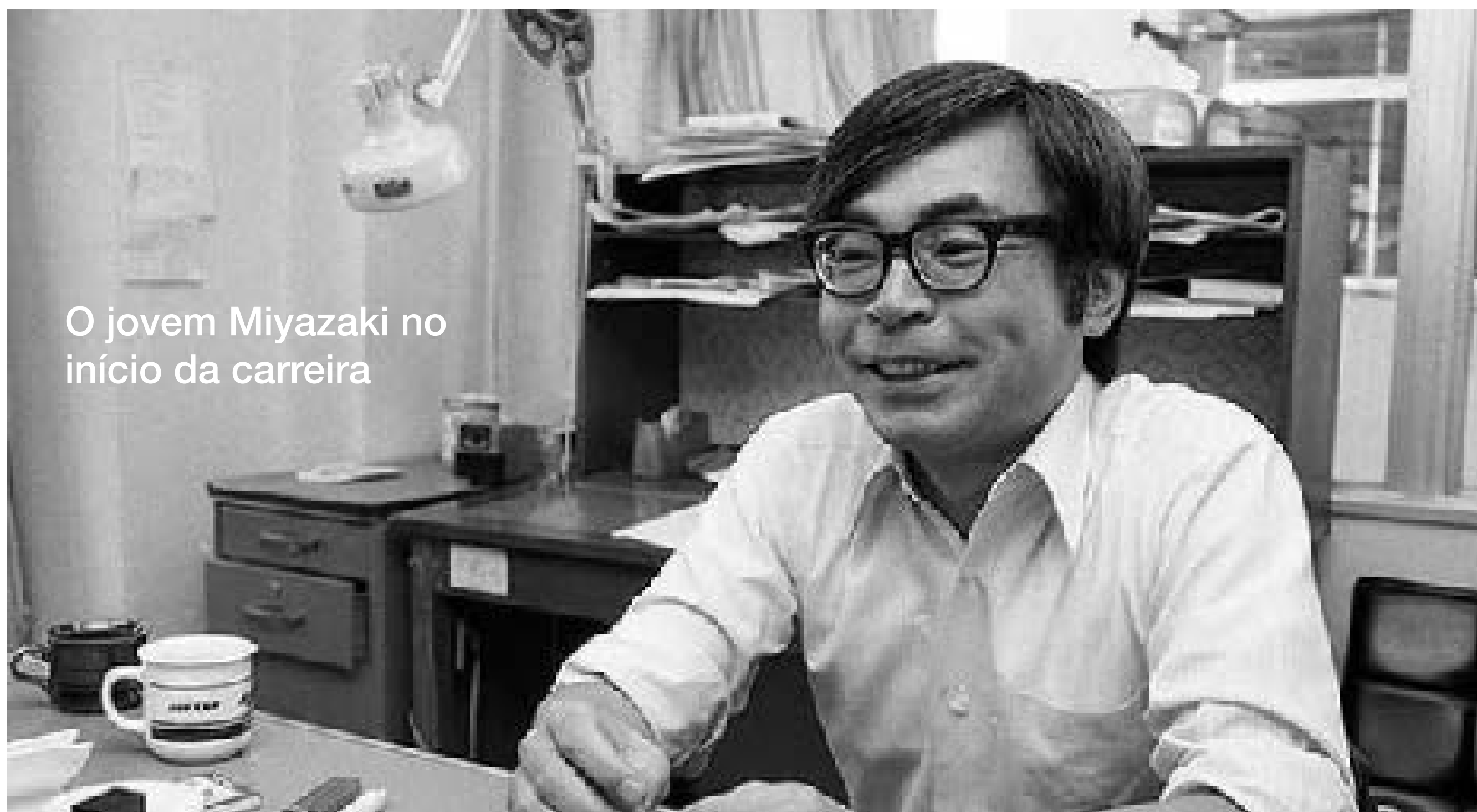


Foto Reprodução

Os ensinamentos do gênio

Hayao Miyazaki nasceu em Tóquio em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial. Seu pai era diretor de uma empresa que fabricava peças para aviões militares, e esses dois temas — a guerra e a aviação —, como muitas outras referências autobiográficas, figuram em alguns de seus filmes.

É o exemplo de *Porco Rosso* (1992), que acompanha um ex-piloto da Primeira Guerra Mundial amaldiçoado com a aparência de um porco; e de *Vidas ao Vento* (2013), em que um engenheiro aeronáutico, responsável pelo desenvolvimento do caça Mitsubishi A6M Zero, usado pelo Japão durante a Segunda Guerra Mundial, tem sua paixão pela aviação ameaçada pelo dilema moral de ver suas criações usadas nos empreendimentos de guerra.

Miyazaki se formou em ciência política

e economia na Universidade Gakushuin, mas sua verdadeira vocação sempre havia sido a animação: apaixonado por mangás desde pequeno, ele iniciou sua carreira como animador em 1963, quando foi contratado pelo estúdio japonês Toei Animation. Lá, trabalhou em filmes como *O Pequeno Príncipe* e *O Dragão de Oito Cabeças* (1963), e conheceu, durante seu período no estúdio, aquele que viria a se tornar o cofundador do Studio Ghibli, seu amigo Isao Takahata.

Em 1984, Miyazaki dirigiu o primeiro filme baseado em uma história própria, seu mangá *Nausicaä do Vale do Vento*, cujo sucesso levaria à fundação do Studio Ghibli no ano seguinte, em 1985, junto a Takahata e um outro amigo, Toshio Suzuki.



Temas ambientais e críticas sociais são a tônica inicial do Studio Ghibli, que teve como

segundo título, em 1988, *Meu Vizinho Totoro*, talvez o maior símbolo do estúdio — que também se tornou seu mascote oficial.

Uma criatura mágica, grande e felpuda, Totoro representa um espírito da floresta, uma imagem folclórica comum nas obras do Studio Ghibli, e o filme é uma demonstração pura e emocionante da relação de encantamento infantil com o mundo natural, seu espírito imaginativo e a importância do cotidiano familiar. As cenas simples, em que as crianças brincam com o pai no jardim, visitam a mãe no hospital e se conectam com os seres da floresta, encantam pela valorização do que Miyazaki defende em suas criações: o espírito humano, a paixão pela arte e a relação sutil entre o autor e sua obra. A incrível cena em que Totoro e as garotas viajam pelo céu foi criada sem o uso de qualquer ferramenta de computação gráfica, com todos os efeitos visuais feitos à mão.

Mais do que estética,

Studio Ghibli tem estilo narrativo único

Um outro aspecto fundamental das obras de Miyazaki é a preocupação com uma narrativa imaginativa e complexa, que evita maniqueísmos: nos filmes do Studio Ghibli, o bem e o mal não constituem um dualismo bem definido, mas são explorados de maneira

interconexa, com personagens pouco tradicionais cuja bondade e moralidade são fluidas e, frequentemente, alternam-se.



Em *A Viagem de Chihiro* (2001), uma de suas obras mais famosas e repletas de referências visuais, a relação entre o bem e o mal e suas nuances são retratadas por Miyazaki a partir de espíritos e deuses, e de uma personagem principal confusa que busca salvar os pais transformados em porcos — mais uma vez, uma referência, como a de *Porco Rosso*, à “maldição dos porcos”, que Miyazaki descreveu, durante uma entrevista concedida à revista de cinema francesa *Positif*, como “símbolos do Japão de hoje”, criaturas vorazes que “devoram tudo”.

Mesmo sua principal antagonista, a bruxa Yubaba, que se descobre ser a governanta da casa de banhos repleta de espíritos e

responsável por aprisionar o aliado de Chihiro, Haku, é vista como uma personagem complexa, dedicada a proteger seu filho e obscurecida pelos próprios dilemas de poder. Sua irmã, Zeniba, uma pequena idosa apresentada como sábia e gentil, age como uma mentora para o “reequilíbrio” entre os personagens e as forças, boas, más e neutras, do mundo espiritual.



O último filme lançado pelo Studio Ghibli, *O Menino e a Garça* (2023), projeto que vingou após diversas ameaças de aposentaria de Miyazaki e do fim de suas produções, talvez seja o maior exemplo dos temas profundos e espirituais abordados pelo autor.

Seguindo a história fantástica de Mahito, um garoto que vive num pequeno vilarejo e lida com questões existenciais, como o luto e a confusão de ter perdido a mãe, o filme mostra seu encontro com uma garça mágica, inicialmente

apresentada como vilã, que representa uma espécie de conexão a ligar o mundo físico ao mundo espiritual, mas também está aprisionada por suas dinâmicas.

Foi a segunda maior bilheteria de uma estreia do Studio Ghibli, que arrecadou US\$ 11,3 milhões no primeiro fim de semana de exhibições — perdendo apenas para *A Viagem de Chiriro*, que faturou, em 2001, cerca de US\$ 13,1 milhões em apenas três dias.

Os filmes de Miyazaki costumam ter elementos inspirados ou tirados diretamente de sua vida. Ainda em entrevista à *Positif*, ele revelou, sobre *A Viagem de Chihiro*, ter feito o filme “para as duas filhas dos meus amigos”, que tinham 10 anos à época — a mesma idade da menina no filme.

“ Não queria mostrar algo como ‘uma batalha entre o bem e o mal’”, disse ele sobre a obra, “queria mostrar ao mundo a verdade. As meninas têm de descobrir o mundo como ele é, ao invés da situação dualista e simplista demais do bem e do mal”.

Falando sobre sua obsessão com personagens que “comem demais”, Miyazaki disse ter visto *O Jantar de Babette*, um “filme lindo”, que adora, e cujas personagens também

comem muito.

Para o autor, o gênio por trás das obras que encantam o mundo inteiro há anos, “existe algo de errado com todo mundo”, e essa verdade complexa deve ser contada a partir de uma visão humana, fantástica e criativa, que só é possível de ser acessada fora do ambiente autogerativo da inteligência artificial, e com um apego maior à cultura e à tradição de seus lugares de origem.

Essas são algumas das lições ensinadas por Miyazaki e o Studio Ghibli. ♦

Três animações do Studio Ghibli:

▶ **Clique aqui** e assista ao trailer **Meu Amigo Totoro** (1988).

▶ **Clique aqui** e assista ao trailer de **A Viagem de Chihiro** (2001).

▶ **Clique aqui** e assista ao trailer de **O Menino e A Garça** (2023).

Café
Especial



FÓ

RUM



outro mundo em debate

FÓRUM

Torrado e moído
100% arábica

500g

Descubra o
sabor intenso
e inconfundível
deste café e a
autenticidade
que flui em
cada xícara.



Compre na
Loja da Fórum

CLIQUE
AQUI

REVISTA
Forum outro mundo em debate

expediente |

edição #157

Diretor de Redação

_ Renato Rovai

Editora executiva

_ Dri Delorenzo

Textos desta edição:

_ Plínio Teodoro

_ Gibran Jordão

_ Luiz Carlos Azenha

_ Júlia Motta

_ Marcelo Hailer

_ Anne Silva

Designer

_ Marcos Guinoza

Revisão

_ Laura Pequeno

Acesse: revistaforum.com.br



youtube.com/forumrevista



[@revistaforum](https://twitter.com/revistaforum)



facebook.com/forumrevista



[@revistaforum](https://instagram.com/revistaforum)